

O 'Turista Aprendiz', de Mário de Andrade versus 'El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo', de José Maria Arguedas: uma aproximação literária e sociológica no panorama latino-americano

*Cristiano Mello de Oliveira*¹

*Pedro Nunes de Castro*²

Resumo

O presente artigo visa tecer algumas interpretações comparativas na obra *O turista aprendiz* (1976), de Mário de Andrade e a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* (1971), de José Maria Arguedas. Primeiramente iremos apresentar algumas considerações reflexivas a respeito da obra desses escritores. Em um segundo momento, situaremos comparativamente a biografia de ambos. Posteriormente, em uma terceira etapa, situaremos alguns laços contextuais históricos no período em que eles estavam inseridos no plano político da América Latina. Adiante, iremos centralizar o nosso olhar no objeto deste artigo, buscando pinçar fragmentos em ambas as obras que melhor evidenciem as possíveis semelhanças aqui canalizadas. Postulamos que tais obras guardam variados aspectos similares, especificamente nas representações das migrações internas, que podem elucidar a forma e o estilo do fazer literário de ambos os escritores. Como lastro teórico, iremos utilizar: Ancona (1972), Polar (2000), Mariategui (1928), entre outros. A contribuição desse artigo visa despertar para academia a proximidade do povo e do popular nas duas obras analisadas, assim como os possíveis desdobramentos de investigação.

Palavras-chave: O turista aprendiz. Mário de Andrade. *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. José Maria Arguedas. Literatura comparada.

El 'Turista Aprendiz', de Mário de Andrade versus 'El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo', de José Maria Arguedas: una aproximación literária y sociológica en una panorámica latinoamericana

Resumen

El presente artículo hace algunas interpretaciones comparativas en la obra *El turista aprendiz* (1976), de Mário de Andrade y la obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* (1971), de José Maria Arguedas. Primeramente presentamos algunas consideraciones reflexivas con respecto a la obra de los dos escritores. En un según momento, situaremos comparativamente la biografía de ambos. Posteriormente, en una tercera etapa, situaremos algunos lazos contextuales históricos en el período en que ellos estaban inseridos en el plan político de América Latina. Más adelante centralizamos nuestra mirada en el objeto de ese artículo, buscando traer fragmentos en ambas las obras que mejor evidencien las posibles semejanzas acá canalizadas. Postulamos que tales obras guardan variados aspectos similares, específicamente en las representaciones de las migraciones

¹ Doutorando em Literatura UFSC. Bolsista CAPES. Correio eletrônico: literariocris@hotmail.com.

² Doutorando em Literatura UFSC. Bolsista CAPES. Correio eletrônico: pedro.nunesdecastro@gmail.com.

internas, que pueden elucidar la forma y el estilo del hacer literario de ambos los escritores. Como lastro teórico, vamos utilizar: Ancona (1972), Polar (2000), Mariátegui (1928), entre otros. La contribución de ese artículo visa despertar para la academia la proximidad del pueblo y del popular en las dos obras analizadas, así como los posibles desdoblamientos de investigación.

Palabras clave: El turista aprendiz. Mário de Andrade. *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. José Maria Arguedas. Literatura comparada.

Mario de Andrade's 'Turista Aprendiz' versus José Maria Arguedas's 'El Zorro de Arriba y el Zorro de Abajo': a literary and sociological panorama of Latin America

Abstract

This article provides some comparative interpretations of Mario de Andrade's 'Turista Aprendiz' and José Maria Arguedas's 'El Zorro de Arriba y el Zorro de Abajo'. To start with, we present some reflective considerations about the *oeuvre* of each of these two authors. In the following part we situate their biographies; and the historical political context of the period the lived. Our argument is that these two books share much proximity. We looked for textual fragments to present such proximity, mainly regarding representations related to the internal migration.

Keywords: O Turista Aprendiz. Mário de Andrade. *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. José Maria Arguedas. Comparative literature.

Pressupostos Iniciais

O crítico literário argentino Raul Antelo (1986, p. 63) sugere a importância da aproximação literária entre as obras *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade, e a obra *El zorro de arriba y El zorro de abajo*, de José Maria Arguedas. O crítico ressalta que “Arguedas esgota as possibilidades do diário romanceado e transforma o gênero de maneira mais radical que a de Mário, pois terminado o livro, o autor morre realmente com ele: Arguedas suicidou-se em 1969”. Trata-se de uma erudição coberta de aproximações literárias comparativas e, ao mesmo tempo, uma excelente sugestão investigativa para aprofundarmos novas perspectivas sobre essas duas obras. Ao utilizar a expressão 'diário romanceado' para referir-se ao estilo de gênero literário abarcado por José Arguedas, o crítico também evidencia as semelhanças com o diário de viagens da obra *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade, e direciona nosso olhar para a reflexão, recomendando e insinuando considerações que podem elucidar desafios instigantes para um artigo. Em suma, é guiado pelo fio dessa discussão que moveremos o nosso texto ensaístico.

Redigir e investigar a obra *O Turista Aprendiz* (1976) e a obra *El zorro de arriba y El zorro de abajo* (1996) implica diretamente uma breve tarefa de análise histórica e hermenêutica. Ao estudioso cabe confrontar alguns teóricos renomados, servindo-se deles apenas como

balizamento, assim como realizar a leitura do período histórico no qual Mário de Andrade estava situado na nação brasileira e José Maria Arguedas na nação peruana. Aliás, pensar a literatura de Mário e Arguedas impregnada nas crônicas de viagens do Turista Aprendiz e no diário híbrido de *El Zorro* seria enveredar por um contexto densamente observado por eles durante suas viagens e andanças etnográficas.

Este estudo é instigante, já que compreender suas reflexões acerca da posição do intelectual social próximo do povo, bem como os efeitos das contribuições sociais, especificamente as representações literárias das migrações internas³, deixadas por eles fortalecerão alguns possíveis estudos que serão canalizados de maneira contributiva. Tendo em vista o consagrado poder ideológico dos escritores, será através dessas modelações que exploraremos nosso objeto de maneira analítica, ou seja, a proximidade de Mário e Arguedas com o popular e o social e suas consequentes contribuições literárias e sociais⁴.

Devemos salientar que a escolha desses autores e dessas obras se deve a que cada uma, ao seu modo, remete a uma preocupação em entender como se processam, dentro do universo da literatura brasileira e peruana, certos fenômenos de representação literária e social de sua época. Enfatizamos que faz sentido pensarmos nessa aproximação da representação do social, no período em que foram publicadas tais obras, como fator preponderante para a construção dos seus diários de viagens e de suas anotações etnográficas. Tendo em vista a amplitude do tema aqui tratado, frisamos que dedicamos mais atenção ao recorte em comum dos fragmentos do contexto das migrações internas, representadas nas obras abordadas.

³ Sobre esse aspecto das migrações internas o crítico Conejo Polar (1996, p. 301) esclarece: “É importante salientar que desde tempos remotos e até hoje existe algo como uma retórica da migração, enfatizando sentimentos de dilaceramento e nostalgia e compreendendo normalmente o ponto de chegada – a cidade – como um simples espaço hostil, embora de certo modo fascinante ou simplesmente necessário, e ao mesmo tempo situando na origem camponesa uma positividade quase sem fissuras, com frequência vinculada a uma natureza que é sinal de plenitude e signo de identidades primordiais”.

⁴ Na verdade, o significado básico e primordial de social é também o mais frequentemente exposto e utilizado, que partiria do pressuposto daquele vocábulo que estará sempre imbricado ao popular e ao povo. Sua filiação comporta esse jogo sinonímico e ao mesmo tempo paralelo, que outorga proximidade com o espontâneo e o rústico, dentro da situação literária da obra *O turista aprendiz*, ou seja, o sujeito social que foi o escritor Mário de Andrade ao longo de suas visitas às cidades do Rio Grande do Norte e da Paraíba, buscando retratar os aspectos sociais em seus escritos. Em seu clássico estudo *Literatura e sociedade*, Antonio Cândido (2000, p. 74) corrobora várias considerações reflexivas para a total compreensão do papel do escritor em determinada sociedade. É sabido que, nesse estudo, Cândido remonta à verdadeira fibrilação e vigor, ao descrever que todo escritor está inserido em determinada sociedade e como essa mesma sociedade se relaciona com o próprio escritor, ou seja, o escritor representa a sociedade através de seus escritos e investigações, assim como a sociedade aparece e exerce papel preponderante na obra de todo escritor. Para o crítico, o escritor seria um membro privilegiado da sociedade, porque possui “originalidade”, mas, ao mesmo tempo, exerce e pratica uma função social. Antonio Cândido salienta que o escritor inserido em uma sociedade seria aquele capaz de desempenhar “um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”. A nosso ver, algo semelhante, sem o crítico mencionar o nome do escritor paulista, ocorre com a representatividade da escrita social das crônicas da obra *O Turista Aprendiz*, que parece conter em sua própria estrutura a materialidade extraída do popular e do povo.

De igual modo, consideramos como se organizam e articulam brevemente o contexto literário, histórico e social do período, tendo em vista as mudanças políticas e culturais ocorridas entre 1930 e 1970, período em que ambos os escritores estavam vivos. Portanto, nosso recorte dos fragmentos sobre o qual se realiza nossa reflexão inicia no momento em que foram produzidos os diários das crônicas publicadas no *Jornal Diário Nacional*, por Mário de Andrade, e o ponto final é a publicação da obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, de José Maria Arguedas.

A obra *O Turista Aprendiz* foi escrita entre 1928 e 1930, na forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou esses escritos no *Jornal Diário Nacional*. A publicação oficial do livro saiu em edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez, quase cinquenta anos adiante, em 1976. A obra está dividida em duas partes: a descrição do estado do Amazonas até o Peru; trabalhos etnográficos realizados por Mário no Nordeste Brasileiro. O texto é, estruturalmente, um gênero híbrido, muito próximo ao do diário de viagens (documento histórico e literatura). Por esse motivo, na época em que foi publicado, foi muito criticado por apresentar um caráter fragmentado, frases indecisas, pouco definidas, e estrutura interrompida - interrupções circunstanciais do vai e vem dos intervalos da escrita⁵.

A obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* foi escrita na forma de diários de anotações, trechos romanceados de ficção, de 1966 e 1969. O título é extremamente simbólico: a expressão *Zorro de Arriba*, que significa raposa da serra, se refere aos índios; *Zorro de Abajo* se refere à população que vive no litoral peruano. A estrutura da obra inclui três diários que ganham perspectiva e encadeamentos à medida que o leitor avança na narrativa. Basicamente, o primeiro diário evidencia sua decisão de cometer suicídio; no segundo, o autor desiste, em parte, do suicídio, porque precisa terminar o romance que está elaborando. Na terceira, Arguedas, já bastante depressivo, relata os episódios de sua vida que causaram sua profunda depressão⁶.

Grosso modo, a última obra de José Arguedas apresenta a mescla de um discurso coberto de vozes, juntamente com gêneros literários que aglutinam diversos pontos de fazer literatura. A obra apresenta muitos aspectos fragmentados, mas que não comprometem muito o ato de leitura

⁵ Segundo Raul Antelo (1986, p. 95) a estrutura híbrida da obra pode proporcionar: “A contrapartida do livro-como-viagem é a viagem-como-texto e não mais a viagem pitoresca e histórica, ao modo dos cronistas metropolitanos. *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade é uma tentativa de explorar o simultaneísmo de pontos de vista (o intelectual de elite urbana, o intelectual provinciano, o primitivo), gerando uma multiplicidade de discursos; o diário de viagens, o ensaio, o documento de análise antropológica, o lirismo narrativo e o prosaísmo poético”.

⁶ “He luchado contra la muerte o creo haber luchado contra la muerte, muy de frente, escribiendo este entrecortado y quejoso relato. Yo tenía pocos débiles aliados, inseguros; los de ellas han vencido. So fuertes y estaban bien resguardados por mi propia carne. Este desigual relato es imagen de la desigual pelea. [...] He sido feliz in mi llantos y lanzazos, porque fueron por el Perú; he sido feliz con mis insuficiencias porque sentía el Perú in quéchua y en castellano” (ARGUEDAS, p. 243 – 246).

daquele leitor mais perspicaz. Como observa o crítico Conejo Polar: “Em mais de um sentido, inclusive no literal, *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo* é um romance inconcluso e, por isso mesmo, aberto” (POLAR, 1996, p. 149). Portanto, o ponto mais dramático e caótico de *El Zorro* foi quando Arguedas cometeu o suicídio numa sala de aula da Universidade de La Molina na data de 28 de novembro de 1969.

A problemática maior permanece ao confrontarmos esses dois escritores de nações diferentes; colocamos-nos na contramão da crítica de viés nacionalista, limitada por critérios puramente linguísticos e culturais. Para as devidas convenções literárias não deveriam existir na teoria e nem na prática uma possível relação consistente entre Mário de Andrade e José Arguedas. No entanto, não devemos simplesmente nos acomodar diante desse alerta e dessa tarefa um tanto problemática⁷ mas, sobretudo, analisar e investigar a atitude desses escritores frente ao manancial artístico-literário da América Latina no qual estavam inseridos⁸.

No tocante ao que estamos empreendendo, ambas as obras denunciam o trágico processo migratório e as péssimas condições de trabalho do proletariado. Consciente ou inconscientemente, Mário de Andrade registra nas suas crônicas de viagem as incongruências migratórias dos proletários que se encontravam desamparados em suas localidades. Ou seja, a falta de infraestrutura e o trabalho local operam como efeito desencadeador de migrações para a cidade de São Paulo, diminuindo a taxa de natalidade no interior dos estados nordestinos. “Mas a cidade está desfalcada. Cerca de 1.100 famílias da zona foram pra S. Paulo” (ANDRADE, 1976, p. 292). Enquanto José Maria Arguedas retrata os indivíduos que perdem as suas tradições e origens da Serra Peruana, para tentar melhores condições de trabalho no litoral peruano: “Pero me encontré con que la ciudad de Chimbote es una especie de gran remolino social en el grupos emigrados de diferentes zonas de la costa y de la sierra han entablado un estado de relaciones especialísimas, determinadas al parecer, fundamentalmente, por sus diferentes formaciones culturales” (ARGUEDAS, 1996, p. 385).

Cabe lembrar as duas obras foram publicações póstumas, tendo sido editadas após a morte de seus escritores. Como já foi dito, Telê Porto Ancona Lopez se encarregou de reunir os manuscritos em um projeto genético e publicá-los no ano de 1976. Por outro lado, a esposa de José Arguedas, Sybila Arredondo, foi responsável pela publicação e encaminhamento dos

⁷ Sobre a renúncia da problemática, Antonio Cândido (1981, p. 30) alerta: “Por outro lado, se aceitarmos a realidade na minúcia completa das suas discordâncias e singularidades, sem querer mutilar a impressão vigorosa que deixa, temos de renunciar à ordem, indispensável em toda investigação intelectual”.

⁸ Segundo Renato Ortiz (2006, p. 139): “Se os intelectuais podem ser definidos como mediadores simbólicos é porque eles confeccionam uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global. Suas ações, portanto, distintas daquelas que encarnam a memória coletiva”.

originais para a Editora Losada, na Argentina, em 1971. O lapso temporal de apenas cinco anos é suficiente para distanciar esses enredos tão próximos e de características tão semelhantes.

É perturbador dizer que tanto a obra do escritor brasileiro, como a do peruano Arguedas, sintonizam um grande mosaico antropológico alusivo de mescla de vozes, aspectos marxistas-sociológicos relacionados à investigação econômica, assim como são obras baseadas em fatos realmente concretos. Ou seja, fatos e episódios vivenciados por ambos os escritores no decorrer de suas andanças e viagens pelas respectivas nações. De forma relativa, podemos postular que os dois romances híbridos estão calcados pela denúncia social e pela prática militante de realizar literatura engajada.

O primeiro expressa uma faculdade excepcional de penetrar na vida dos trabalhadores do interior nordestino; o segundo aprofunda a situação dos oprimidos na cidade costeira peruana de Chimbote. Ou seja, os dois escritores não hesitaram ao tematizar assuntos marxismo, crítica social, denúncia e história nas duas nações.

Breve comparação da biografia de Mário de Andrade e José Maria Arguedas

Mário de Andrade nasceu em 1893 e faleceu em 1945. José Maria Arguedas viveu de 1911 a 1969⁹. A partir de 1930, ambos viveram no auge da produção artístico-literária em países distintos, sem contato um com o outro. O poeta paulista chegara apenas como visitante no Peru quando tinha seus 36 anos, época em que o romancista peruano contava com seus 18 anos de idade. Ao morrer o primeiro, o outro tinha apenas 34 anos. Tanto o intervalo biográfico quanto o da publicação dos respectivos livros *O Turista Aprendiz* (1976) e *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (1971) notificam sobre uma mudança de grandes proporções na geopolítica da América Latina. Isto é, interpretações realizadas, pelos dois autores, a respeito da sociedade e do povo, vão além do substrato da cultura nordestina e indígena peruana, desenvolvendo um novo patamar analítico para relacionar culturas de diferentes nacionalidades.

Os pais de José Maria Arguedas foram Victor Manuel Arguedas Arellano e Victoria Altamirano Navarro. O pai era juiz, exercendo sua profissão pelo interior das cidades peruanas, viajava bastante e tinha uma vida muito atarefada. Sua mãe era dona de casa e faleceu muito

⁹ “Como hombre, Arguedas vivió, según él mismo dijo, toda la dicha y la desventura del país. Poseía las claves de una felicidad durable en sus fuentes aborígenes; en la capacidad de comunicación que manifestó como inherente a la condición indígena. Pero había sufrido el desgarramiento de esa condición; la violencia y la negación con que un mundo de castas sometía a su raíz humana, a la parte desposeída del país. Como escritor, logro comunicar la extraordinaria aberración peruana de esa contradicción” (ORTEGA, 1978, p. 52).

nova, em 1914, deixando José Arguedas vivendo somente com o seu pai. Como ele viajava bastante, Arguedas permanecia com os empregados que falavam o idioma Quéchua. Em 1917 seu pai se casou novamente e juntos se mudaram para a cidade de Puquio e logo depois para San Juan de Lucanas. Devido às intensas viagens, o jovem Arguedas foi criado pela madrasta que não o assistia afetivamente, deixando uma lacuna no que diz respeito à relação mãe e filho¹⁰.

Mário de Andrade era filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luisa Leite Moraes Andrade. Mário e sua família fixaram residência na Rua Aurora, 320, na cidade de São Paulo. Ele passou boa parte da infância e juventude nessa residência. Em 1899 começou seus estudos no curso primário no Grupo Escolar da Alameda do Triunfo. A família mudou-se para o Largo do Paissandu. Em 1905 ingressou com toda dedicação no Ginásio N. Sra. Do Carmo dos Irmãos Maristas, na cidade de São Paulo. Formou-se bacharel em Ciências e Letras em 1909. Em 1917 o escritor paulista obteve o diploma de professor de piano do Conservatório, época em que seu pai faleceu. Escreveu e publicou a obra *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema*, que expressa repercussões da I Guerra Mundial. Realizou a primeira viagem a Minas Gerais e teve contato com o barroco mineiro através de grandes obras artísticas em 1919. Em 1921 mudou novamente de residência, passando a residir definitivamente na Rua Lopez Chaves, 526, no bairro da Barra Funda. No mesmo ano iniciou suas atividades de professor de História da Arte no Conservatório¹¹.

Ainda em 1921, o jovem escritor peruano José Maria Arguedas escapou, com seu irmão Aristides, da opressão que sofria da madrasta, refugiando-se na fazenda Viseca, onde viveram dois anos em contatos com vários índios. Durante essa aproximação, Arguedas acumulou experiência e sabedoria para aprimorar seus conhecimentos sobre os indígenas, bem como assimilou as tradições e costumes daqueles que seriam os primeiros personagens das suas obras literárias¹². O autor absorveu a linguagem quéchua e parte da cultura de seu país, que estava em constante transformação. Somente em 1923 ele juntou-se ao seu pai e começou uma espécie de peregrinação pelas cidades e pequenos povoados da Serra Peruana. Enfim, durante essa etapa,

¹⁰ Para um maior aprofundamento dessa biografia ver a obra POLAR, Conejo. *O condor voa*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

¹¹ Para um maior aprofundamento/detalhamento dessa biografia ver: LOPEZ, Telê Porto. *Ancona Mário de Andrade. Cronologia da vida e da obra*. In: A imagem de Mário. *Fotobiografias de Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Alumentamento, 1998. Salientamos que a construção desse parágrafo implica numa leitura biográfica com razões de ordem panorâmica que abrangem de forma breve a vida do escritor Mário de Andrade.

¹² Sobre essa questão teremos as reflexões de Angel Rama: “Partindo de uma experiência infantil privilegiada, decisiva tanto para a vida quanto para a morte de Arguedas, a saber, a convivência com os índios cusquenhos, que o aceitaram e protegeram como um dos seus, permitindo-lhe ter dentro de si os dois hemisférios culturais andinos, Arguedas vai tentar construir uma imagem interior e não exterior do índio, substituir o autômato da exploração e das alegações por uma criatura viva e próxima que pode ser reconhecida pelo leitor como igual” (RAMA, 2001, p. 193).

Arguedas apreendeu a geografia dessas localidades e aprimorou sua aproximação com o social e o popular peruano de época, refazendo algumas teorias que se refletiriam em seus escritos futuros.

Mário morreu de infarto na sua modesta residência na Rua Lopez Chaves em 1945; já Arguedas cometeu suicídio 14 anos depois, em 1969.

O fato desses autores não terem sido correspondentes diretos, terem vivido em espaços distintos, não fazerem referência como leitor/escritor ou influenciador/influenciado, intriga a crítica literária por observar algumas semelhanças no estilo sociológico em ambas as obras. Com efeito, isso evidencia que os dois intelectuais participaram de um mesmo movimento de pensamentos e ideias como produtores, reprodutores e receptores.

O balizamento desses contatos é fortalecido pelo entrecruzamento dos aspectos sociológicos e marxistas, já possivelmente impregnados nesses discursos narrativos de suas obras ficcionais e referenciais. Portanto, a linhagem análoga desse segmento provocou, possivelmente, outros estudos e romances, tendo em vista o fortalecimento das obras desses escritores.

A significativa expressão de Sérgio Miceli 'escritor-funcionário-público' pode ser adotada na situação de intelectuais comprometidos, inclusive Mário de Andrade, que exerceu com destreza a função de homem voltado às vicissitudes sociais e artísticas. Foi, também, dedicado a compreender as necessidades populares registradas nas páginas do *Turista Aprendiz*, especificamente na segunda parte da obra; o empreendimento maior de dar conta de uma realidade pouco vivenciada na sua cidade natal, São Paulo.

No livro *Intelectuais à Brasileira* (2001), Sérgio Miceli defende a ideia de que muitos escritores eram funcionários públicos e exerceram com vasto domínio a função da escrita e tiveram seus trabalhos consagrados nos meios intelectuais. Concordamos com os pontos estabelecidos por Sérgio Miceli e acreditamos que sua expressão remete nitidamente a Mário e Arguedas e suas rotinas de expedientes, seja como funcionários públicos na qualidade de homens vinculados à estrutura do Estado, seja como intelectuais comprometidos com suas nações.

Em perspectiva análoga, no acurado estudo *Fragmentos da História Intelectual* (2002), a historiadora Helenice Rodrigues da Silva (2002, p. 12), ao percorrer os emaranhados da trajetória da história intelectual discorre que “[...] a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos”.

Como verificamos nessa citação, a pesquisadora da UFPR impõe um olhar mais contextual para estudos comparativos ou mesmo aqueles que simplesmente examinam a história

intelectual de determinados autores. A autora examina-os em um contexto diferenciado, com os pressupostos das ciências sociais, das raízes filosóficas, das formações históricas, entre outros. Nesse sentido, o raciocínio de Helenice da Silva, ancorado nas suas respectivas leituras, faz alusão àquilo que neste texto iremos empreender e justificar nas linhas adiante. Em suma, o exame da literatura de Mário e Arguedas pelo pesquisador atento pode revelar suas análogas dimensões sociais na interação com os liames contrastivos que cada um estabeleceu nas suas categorias de trabalho.

Em resumo, os escritos estabelecidos em suas obras literárias e suas produções intelectuais, tanto em Mário como em Arguedas, foram prolíficos. Realizaram obras difusoras dos ideais brasileiros e peruanos, amplas e distintas em vários sentidos, compreendendo, grosso modo, ensaios, artigos em jornais, trabalhos acadêmicos, traduções, obras de ficção, contos, romances, narrativas populares. “Como crítico da literatura latino-americana, Mário orienta seus trabalhos com um sentido de responsabilidade, voltado a tudo aquilo que ele podia mudar”, assevera o crítico Raúl Antelo (1986, p. 158). Tanto o escritor brasileiro, como o peruano foram responsáveis por alavancar uma série de estudos e pesquisas que impulsionaram majoritariamente uma dezena de outras investigações.

A trajetória de publicações e obras de Mário de Andrade remontam a um olhar para os anos posteriores à década de 1920, enquanto José Arguedas remete aos anos posteriores à década de 1930.

Panorama Cultural da América Latina durante a Trajetória de Mário de Andrade e José Maria Arguedas

Não devemos deixar de mencionar que esse período fértil, de 1930 a 1945¹³, apresenta eventos nacionais e estrangeiros que remetem a um olhar para a América do Sul nas áreas da história, sociologia, literatura, que serão importantíssimos e essenciais para uma reflexão acerca dos distintos processos sociais que envolvem a temática dos autores¹⁴.

No censo demográfico de 1920, a cidade paulista, recém colonizada por imigrantes europeus (Italianos e outros europeus), contava com a cifra de 579.033 (quinhentos e setenta e

¹³ Estipulamos esse período por saber que Mário de Andrade viveu em uma época que José Maria Arguedas também estava vivo e ambos conjugaram seus escritos em suas respectivas nações. Ou seja, não existem evidências ou sequer notícias que chegaram a se conhecer ou trocar algum tipo de correspondência, assim como tenham lido a obra de um como o outro.

¹⁴ O ensaísta Octavio Paz, na sua obra *Tiempo Nublado* complementa o terreno dessa complexa conjuntura : “El caso de América Latina es un ejemplo de la intrincada complejidad de las relaciones entre historia y literatura. En lo que va del siglo ha aparecido, lo mismo en la América hispana que en el Brasil, muchas obras notables, algunas verdaderas excepcionales, en la poesía y en la prosa de ficción” (PAZ, 1986, p. 161).

nove mil, trinta e três) habitantes, enquanto o estado de São Paulo alcançava 4.592.188 (quatro milhões, quinhentos e noventa e dois mil, cento e oitenta e oito mil) habitantes¹⁵. Os adventos tecnológicos, a arquitetura da cidade, o sofisticado urbanismo acelerado e a indumentária moderna das pessoas vão adentrando e ganhando forma no acervo rústico e ainda provinciano da capital paulistana: “Cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro” (SEVCENKO, 1998, p. 37).

Enquanto isso, a capital peruana, a Lima de Arguedas, contava na década de 1920 com aproximadamente 400.862 (quatrocentos mil, oitocentos e sessenta e dois) habitantes¹⁶, majoritariamente grupos indígenas e imigrantes de algumas partes europeias.

Em São Paulo, Mário já observava o crescimento da grande metrópole muito bem retratado na sua obra poética *Paulicéia Desvairada* (1922). Enquanto isso, Arguedas também observava algumas cidades peruanas através do olhar de Ernesto¹⁷, da obra *Os Rios Profundos* (2005). Os conteúdos dessas obras revelam as transformações arquitetônicas e urbanísticas pelas quais estas cidades passavam, especificamente Arequipa e São Paulo.

Através da consideração desse lapso temporal, especificamente nesses quinze anos, introduziremos brevemente as variantes das relações e circunstâncias nas sociedades das quais faziam parte e com as quais dialogavam as obras dos dois escritores, e que significará também considerar como eles foram recebidos pela crítica e pelo público. A temática sociológica que atingiu Mário de Andrade e José Maria Arguedas, ampliando e condicionando suas circunstâncias de vida, tem uma ampla e brusca trajetória, que acaba coincidindo com a própria história da América Latina.

História, antropologia, panorama social e cultural que Mário, desde jovem, irá acompanhar muito bem e fielmente - já que possuía a atitude de leitor assíduo da realidade de toda a América. Dimensões de uma realidade que se apresentou bastante fiel e polêmica quando traçada nas suas crônicas publicadas em jornais argentinos e brasileiros. “A literatura brasileira vai aos poucos aguçando o interesse das outras nações hispano-americanas” (ANDRADE, 1986, p. 194), escreve Mário em tom de entusiasmo e vontade de aproximação.

¹⁵ Dados extraídos de SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. *Evolução da População Segundo seus Componentes. Histórico Demográfico*, São Paulo, [s/d]. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 11 ago. 2011.

¹⁶ Dados extraídos *La población del Perú*. p. 220 do site: <http://www.ciced.org/Eng/Publications/pdf/c-c41.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

¹⁷ Na obra em questão, o personagem Ernesto observa na capital peruana as mudanças sofridas pelo desenvolvimento tecnológico e do progresso.

Não seria leviano afirmar que muitos desses materiais formulados por Mário estabeleceram entrelaces curiosos com o período histórico-artístico de época, juntamente com as questões literárias registradas na América Latina. Isto é, a confecção de escritos que transmitiam ao leitor mais encorajado uma série de informações sobre o panorama da América Latina¹⁸. Para Mário, a investigação e o aprofundamento dessas questões sociais, dentro de um contexto latino-americano, facilitariam o entendimento da sociedade em função de suas características etnográficas e culturais.

Além disso, o escritor paulista, acreditava que estudar toda essa conjuntura permitiria inventariar modos e meios para conquistar formas originais de enxergar outras realidades. Talvez, tenha sido essa a real curiosidade ou motivo de indagar sobre a identidade semelhante, porém ao mesmo tempo adversa dessas perspectivas geográficas.

O crítico Raul Antelo (1986) resgata que Mário de Andrade teve uma forte participação nas revistas argentinas em meados da década de 1920, supondo que Mário tenha sido influenciado e tido afinidades com os escritos de Martin Fierro: “Nessa procura de organicidade, [Mário] tenta se informar de maior quantidade de experiências coincidentes tentadas na América Latina” (ANTELO, 1986, p. 26). Ou seja, o olhar curioso e instigante irá sedimentar os pressupostos informativos para que Mário possa desenvolver os principais aspectos críticos e de juízo do universo literário argentino e latino-americano.

Antelo (1986, p. 65) reforça, também, que Mário ao analisar algumas obras argentinas carecia de uma visão que lhe “permitisse situar a obra no conjunto da produção narrativa do período como crítico [...]”. Posteriormente, o autor de Macunaíma sente a curiosidade de pesquisar 4 textos publicados 1925 que, segundo Antelo, teriam contribuído para Mário formular uma espécie de panorama da crítica literária produzida em território argentino. Enfim, essas leituras contribuíram para que Mário ampliasse sua capacidade vanguardista de caráter nacional.

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas, no Brasil e no Peru, por uma série de vultos sociais e históricos, que confrontaram os paradigmas políticos e modificaram o ambiente cultural de ambas as nações. A começar que o regime do Estado Novo, a ditadura Vargas de 1937, fez com que muitos intelectuais dirigissem seus interesses para as causas políticas vigentes na época.

¹⁸ Segundo Antonio Cândido (1989, p. 200): “[A] realidade é a que ficou indicada no começo e se reflete no temerário deste encontro, cujo pressuposto é a existência de traços comuns às literaturas ibéricas da América Latina. Estes traços seriam naturalmente devidos ao fato de que os nossos países terem sido colonizados pelas duas monarquias da Península, cujas afinidades eram notórias; ao fato de terem conhecido a escravidão, como regime de trabalho, a monocultura e a mineração, como atividade econômica; de passarem em geral por um processo amplo de mestiçagem com povos chamados de cor; de terem produzido uma elite de crioulos que dirigiu o processo de independência em períodos sensivelmente paralelos, e depois o capitalizou em benefícios próprio, a fim de manter mais ou menos intacto o estatuto econômico e social”.

Por exemplo, Graciliano Ramos, mesmo depois do cárcere, precisou aceitar o ofício de redator do governo de Getúlio Vargas. O autor de *Vidas Secas* precisou fazer apologia, mesmo sendo oponente a tal governo, para garantir o sustento da família. É nesse momento de intensas transformações políticas que Mário de Andrade e Graciliano Ramos elaboravam suas obras literárias, textos para jornais, e nutriam, cada um a sua maneira, a vontade de alimentar os diálogos com outros escritores dentro e fora do seu país. Portanto, na trajetória intelectual e artística desses dois autores é possível identificar que, em alguns episódios, as esferas históricas e sociais se entrecruzavam numa única e múltipla realidade – basta pensarmos o que ocasiona ao intelectual o envolvimento com aspectos tão plurais da vida intelectual como um todo.

Na conturbada década de 1930, a nação peruana estava passando por um período de intensas ditaduras e regimes políticos fechados. Segundo o crítico Antônio Conejo Polar (2000), Arguedas viveu de maneira dramática o ano de 1931, na ditadura do governo de Augusto B. Leguia. Gradativamente, o regime autoritário de Leguia foi sendo corrompido e enfraquecido. Posteriormente, o ditador acaba deposto pelo não cumprimento de uma abertura democrática condizente às demandas da nação. Nesse sentido, segundo o crítico, muitos movimentos populares foram movidos pela prática da violência, em especial contra os militares comunistas e apristas. No governo de Benavides (1933-1939) a nação peruana vivenciou tensões sociais de extrema gravidade, atingindo seu ápice com várias revoluções. Na sequência, nos anos de 1939-1945, a Segunda Guerra Mundial reforçou as confrontações. O encarceramento de Arguedas, naquele momento, resultando na obra *El Sexto* (1961). Polar (1986) afirma que Arguedas foi preso pela polícia fascista italiana após uma manifestação estudantil, devido à sua atuação como militante nos organismos de defesa da República Espanhola. Enfim, ao observar tantas desilusões, Arguedas acaba com problemas de saúde que o mantiveram improdutivo durante os anos de 1942-1945.

Não devemos esquecer que o interesse pelas manifestações etnográficas e folcloristas atravessa a bibliografia de Mário de Andrade e a de José Maria Arguedas, cada um fiel ao seu panorama cultural procurou definir o sentido das palavras etnografia e folclore, bem como os campos de investigação e pesquisa de cada um. O escritor paulista conjuga a sua atividade etnográfica na busca de como tratar. Diz ele: “pela cadeira de Etnografia Brasileira, na qual estudando os nossos costumes, as nossas tradições, as suas origens, os seus processos, as tendências populares, as constâncias populares, o artista adquira uma base nacional [...]”, (ANDRADE, 2000, p. 398). Ou seja, posteriormente à implantação dessa disciplina o autor conseguiu sistematizar e organizar as pesquisas que tinha empreendido. Mário ainda relata que o

Curso de Etnografia organizado por ele seria capaz de “[c]olher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, nossos caracteres raciais, esta deve ser a palavra de ordem dos nossos estudos etnográficos; e num sentido eminentemente prático vão se orientar os trabalhos deste Curso de Etnografia” (ANDRADE, 1936, p. 1). Como observamos, os dois trechos citados comportam olhares reflexivos no que se refere à importância da etnografia para a época.

Podemos supor que ao término da obra *O Turista Aprendiz*, o escritor Mário teve um projeto literário de maior complexidade. Um desses motivos que aqui podemos postular seria o próprio subtítulo (*Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia, por Marajó até dizer chega*¹⁹). Ele desejava conhecer outras nações dentro do contexto da América Latina (Peru, Bolívia) e, de fato, isso se concretizou de forma muito harmônica e amistosa. Essas três frases, separadas por vírgula, remetem-nos a imaginar que Mário tinha a projeção de incluir outros países nas suas andanças, sublinhando a ideia do panorama latino-americano. Segundo o crítico Raul Antelo (1986, p. 62), Mário não desejou: “[...] montar um discurso persuasivo sobre os males da América, mas incorporar aquelas técnicas que permitam ao leitor chegar a vislumbrar essa realidade sofrida.” Outra suposição, bastante convincente, que a crítica Telê Ancona (LOPEZ, 1972, p. 25) aponta, seria o desenho e a ornamentação da capa introdutória do livro. Segundo a estudiosa, Mário desenha uma figura indígena com fisionomia bastante tropical, com uma coroa na cabeça, designando semelhanças com o estilo europeu. Na parte inferior do desenho, o escritor paulista inclui graficamente o nome América, evocando o planejamento de incluir todos esses países em um único panorama artístico-literário.

A temática sociológica das respectivas obras inseridas no contexto da América Latina repercute no ofício antropológico e etnográfico dos dois autores. Devemos salientar que os dois foram formados em escolas antropológicas e literárias distintas, mas pelo destino entraram em contato com outros conhecimentos/sabedorias em benefício de seus interesses por um contato próximo com o povo de sua nação. Nesse sentido, militavam em comarcas diferentes em plena década de 1930: Mário no palco da Paulicéia Desvairada, Arguedas nas variadas viagens no território e universidades peruanas.

A rotina citadina e burocrática nos distintos campos de estudos propiciou entre eles tantas semelhanças de produção cultural que seria infrutífero não aproximá-los, por tais semelhanças de produção cultural. A Paulicéia era o palco da modernização; por outro lado, as universidades peruanas, o campo das investigações e da produção do conhecimento. Por fim, podemos postular

¹⁹ Título elaborado por Mário de Andrade.

que tanto Mário, como Arguedas, articularam seus escritos e investigações buscando provocar outros desdobramentos no campo das ciências humanas.

É importante frisar que as crônicas de viagens da obra *O Turista Aprendiz*, especificamente na primeira parte, efetuaram variadas e aprofundadas alusões ao contexto peruano e da América Latina como um todo. Mário sabia como encontrar esses vestígios culturais peruanos sem mesmo saber da existência dos temas tratados por José Arguedas, embora tivessem meios e formas de se aproximar disso tudo. Historicamente seria possível? Em crônica na cidade de Nanay, território peruano, Mário recria um diálogo prolífico com um barqueiro indígena. Como percebemos o escritor comenta aspecto da cultura peruana e relata o período próspero e organizado que naquela época a civilização inca havia passado: “Me falaram que o senhor faz cantigas, o senhor estava escrevendo num papel...”, relata Mário de Andrade (1976, p. 115).

Posteriormente, em crônica de mesma data, o escritor paulista refaz alguns apontamentos e observações sobre visitas e protocolos das autoridades locais peruanas. “Os incas possuíam palácios grandes. Possuíam anéis de ouro, tinham cidades [...]” (ANDRADE, 1976, p. 116), novamente escreve Mário em tom comparativo. Por fim, outros variados episódios e acontecimentos irão ganhar a merecida atenção em suas crônicas de viagens, remarcando ainda mais aquele breve período em território peruano.

Na realidade, Mário de Andrade e José Arguedas não chegaram a discutir os horizontes de suas respectivas obras literárias. Levando em conta suas distâncias geográficas e culturais, o escritor brasileiro, tido como correspondente assíduo, não chegou a trocar correspondências com o escritor peruano. Apesar da sua vasta epistolografia, Mário não teve a devida oportunidade e chance de manter uma amizade com José Maria Arguedas.

Mesmo sendo coletores de materiais etnográficos, não conseguiram trocar suas experiências e investigações de pesquisa. Com efeito, no intervalo dos respectivos anos de produção escrita, de 1930 a 1969, ocorreram profundas transformações nas modalidades de escriturar a cultura e a história, que se projetaram até as décadas finais do século XX. Portanto, um estudo que pudesse abordar tais questões, buscando atingir e concatenar todos os eventos que entrelaçaram a vida de ambos os escritores, seria prolífico.

Finalmente, não devemos esquecer que durante a jornada de viagens pela nação peruana, o escritor paulista visitou a cidade que foi o pano de fundo da obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, como podemos verificar no trecho do *Turista Aprendiz*: “Paramos madrugadita no porto-lenha de Chimbote. A bordo da crilada maleitosa” (ANDRADE, 1976, p. 111). Ora, podemos perceber que as leituras das crônicas de Mário trazem à luz duas estratégias semelhantes

em relação à categoria e à temática, marcados por certo viés sociológico e militância social. Com efeito, tudo isso somado as expectativas de conhecer e trilhar novos caminhos culturais entre Brasil e Peru.

O Turista Aprendiz e El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo: alguns aspectos comparativos

A aproximação do Turista Aprendiz com o El zorro pode causar surpresa a quem já leu esses textos sem, no entanto, refletir sobre algumas semelhanças e até mesmo diferenças. A motivação para tal aproximação, no contexto da América Latina, é o caráter do gênero textual, bem semelhante, assim como as denúncias sociais que são realizadas em forma de arte literária. Especificamente, a obra O Turista Aprendiz, por ser fruto de pesquisas antropológicas e etnográficas, e por ter a característica de diários de viagens, assim como uma linguagem híbrida; e a obra El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo, por ser fruto de pesquisas etnográficas, com fortes dizeres sociológicos em relação às desigualdades sentidas na pele de Arguedas, ao abordar o povo da serra peruana²⁰ que se entregava ao trabalho quase escravo da cidade costeira de Chimbote.

Para o leitor mais experiente é fácil perceber essas inclinações populares em ambos os livros. Tanto Mário como Arguedas optaram por afrontar o toque de recolher da etnografia na América Latina. Junto a isso, muniram e manejaram seus projetos literários, abastecidos de estratégias de escrita que lhes autorizaram veicular as pulsões dos povos que estavam buscando representar através de suas palavras. Focando em seus projetos, atingiram um status literário respeitável que lhes garantiu audiência, por um lado, e, por outro, que assegurou existência referencial às suas experiências com o popular e o social.

Mário aprofundava a proximidade com o povo e o popular, de forma gradativa, tanto é que isso já vinha sendo arquitetado como estratégia para formular suas crônicas da segunda parte da obra O Turista Aprendiz, no qual o enfoque da análise do povo é mais notório. Enquanto José Arguedas já fazia algo parecido e antecipado ao incorporar sua biografia ao personagem Ernesto nas suas longas viagens na obra Os Rios Profundos, como já comentamos. Em suma, ambos atuaram no sentido de confirmar a diversidade de vozes que carregavam seus escritos,

²⁰ Salienta José Mariátegui (1928, p. 39): “En la Sierra, la región habitada principalmente por los indios, subsiste, apenas modificada en sus lineamientos, la más bárbara y omnipotente feudalidad. El dominio de la tierra, coloca en manos de los gamonales la suerte de la raza indígena, caída en un grado extremo de depresión y de ignorancia. Además de la agricultura, trabajada muy primitivamente, la Sierra peruana presenta otra actividad económica: la minería, casi totalmente en manos de dos grandes empresas norteamericanas.”

estabelecendo, assim, a relação e a mescla dos seus respectivos grupos étnicos e sociais de origem, difundindo a identidade com diversos tipos de oprimidos.

Não obstante, não devemos exagerar no contraste entre *O Turista Aprendiz* e a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. As duas obras inacabadas e publicadas postumamente compartilham uma série de características visíveis e semelhantes: o status incerto dos textos devido às variadas lacunas encontradas; o paralelo das culturas indígenas apresentadas de forma singular²¹; a evidência documental que tanto Mário como Arguedas estiveram no Peru; e até as circunstâncias culturais para ampliação do conhecimento da personalidade de ambos os escritores.

Tanto *O Turista Aprendiz*, como *El Zorro*, resultam de reflexões ensaísticas que autorizam e reforçam esse tipo de olhar. Obras literárias que compartilham até mesmo suas referências ao contexto do panorama econômico de época: Mário declara-se conhecedor da realidade das indústrias e dos engenhos de cana-de-açúcar e da situação dos proletários; José Arguedas se refere à da situação da Serra e da Costa Peruana, ilustrando a economia das indústrias pesqueiras instaladas desenfreadamente no litoral e o forte movimento migratório para a cidade de Chimbote. Em suma, surpreendentemente, as duas obras são marcadas pelas tradições narrativas dos temas do proletário e do econômico, explicitamente mencionadas em *O Turista Aprendiz* e mais subjacentes em *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*.

A nosso ver, essas obras são obras sociais, destinadas a esclarecer os conflitos de classe e etnia que angustiam, respectivamente, os estados do Norte e do Nordeste visitados por Mário de Andrade e a serra e o litoral peruano do mundo andino descrito por José Arguedas²². Trata-se de temáticas que ofertam consequentes denúncias sociais na forma de literatura referencial ou mesmo romanceada. Como salienta José Mariátegui (1928, p. 196): “La literatura de un pueblo se alimenta y se apoya en *substractum* económico y político”. Essa assertiva ilumina o que estamos analisando neste ensaio. Talvez seja por isso que precisamos buscar o elemento mais aproximativo que mantenha essas duas acuradas obras em constante paralelismo simbólico: a condição do sujeito trabalhador do Nordeste Brasileiro e da Serra para a Costa Peruana que migra para outra cidade na busca de uma vida mais próspera e melhor.

²¹ Novamente, salienta José Mariátegui (1928, p. 33): “La suposición de que el problema indígena es un problema étnico se nutre del más envejecido repertorio de ideas imperialistas. El concepto de las razas inferiores sirvió al Occidente blanco para su obra de expansión y conquista. Esperar la emancipación indígena de un activo cruzamiento de la raza aborigen con inmigrantes blancos, es una ingenuidad anti-sociológica, concebible solo en la mente rudimentaria de un importador de carneros merinos.”

²² “La literatura nacional es en Perú, como la nacionalidad misma, de irrenunciable filiación española. Es una literatura escrita, pensada y sentida en español, aunque en los tonos, y aun el sintaxis y prosodia del idioma, la influencia indígena sea en algunos casos más o menos palmaria e intensa” (MARIÁTEGUI, 1982, p. 192).

Nesse sentido, Mário de Andrade e José Maria Arguedas trazem corajosamente para o palco da representação humanística ficcional latino-americana uma pincelada de classe social expandida pelo horizonte socioeconômico. Ao invocar os nordestinos e a ele identificar o brasileiro de classes inferiores ou subalternas, o cronista de viagens paulista antecipa internamente ao romance de 1930, de que podem ser exemplos *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz, ou *A Bagaceira* (1928), de José Américo Almeida, e se torna precursor e das teorias de migração nordestina. Ao antecipar esses conceitos, Mário realiza de maneira relativa e com toda perícia o papel de um agente público social que demonstra preocupações com os outros.

Em contrapartida, José Arguedas, ao invocar os serranos e a eles identificar o peruano sem pátria e vivendo em condições precárias, se filia aos escritores socialistas precursores daquela mesma época. Dessa mesma safra de ensaios e romances peruanos podem ser exemplos: *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* (1928), de José Carlos Mariátegui; e *Nuestra Comunidad Indígena* (1924), do escritor Hildebrando Castro Pozo. Portanto, nessa mesma linha de raciocínio, uma leitura da obra *Literatura e Cultura na América Latina*, de Angel Rama (2001), complementa com mais profundidade as considerações aqui realizadas²³.

A comparação dos olhares de Mário e Arguedas acerca do objeto literário, da etnografia e da ficção, autoriza investigarmos como é formulado o contexto mais panorâmico, bem como suas formas e variedades, referidas pelas principais vicissitudes históricas específicas. Por esse viés, a escrita militante e sociológica representativa de Mário assemelha-se aos modelos antropológicos trabalhados por José Maria Arguedas.

Assim, nos parece sintomático, por exemplo, verificar que o escritor peruano fez uma espécie de denúncia social romanceada ao escrever sua obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. Ensaando um breve esquema de tal obra, podemos dizer que Arguedas empreende em seu discurso romanceado uma forma de evocar, nas entrelinhas, as vozes de um povo oprimido e inconsciente das reais causas dessa opressão²⁴. Em outras palavras, Arguedas trabalha o tema do imperialismo das primeiras indústrias pesqueiras da cidade de Chimbote, no litoral peruano²⁵.

²³ O próprio José Arguedas afirma isso no seu ensaio “No soy un aculturado” que “Fue leyendo a Mariátegui y después a Lenin que encontré un orden permanente en las cosas: la teoría socialista sólo dio en cauce a todo el porvenir sino a lo que había en mí de energía, le dio un destino y lo cargo aún más de fuerza por el mismo hecho de encauzarlo” (ARGUEDAS, 1996, p. 297-298).

²⁴ “Pero esta discordia de la ficción y la crónica (esta tensión entre el relato y el testimonio) probablemente tiene que ver con la perspectiva misma que informa su enfrentamiento de la experiencia peruana. Para José Maria Arguedas el relato está en la virtualidad de conflicto. O sea, en la exacerbación del testimonio. Como en ciertas novelas del siglo XIX, en las de Arguedas uno de antemano sabe que el desarrollo de la ficción esta entregado a la condición terrible de la experiencia” (ORTEGA, 1978, p. 51).

²⁵ “En la costa, el latifundio ha evolucionado – desde el punto de vista de los cultivos –, de la rutina feudal a la técnica capitalista, mientras la comunidad indígena ha desaparecido como exploración comunista de la tierra. Pero en la sierra, el latifundio ha conservado integralmente su carácter feudal, oponiendo una resistencia mucho mayor que la

Vejamos os detalhes do discurso do narrador: “Ningún indio tiene patria? no? Me consta. No saben pronunciar ni el nombre de su provincia. Ningún cholo, ningún negro verdadero, zambo o injerto tienen concierto entre ellos. Son peores que los indios en eso? Donde esta la pátria amigo?” (ARGUEDAS, 1996, p. 116).

Do fragmento transcrito é oportuno recuperar algumas frases e expressões que submetem o nosso olhar para um profundo questionamento. A frase “Ningún indio tiene pátria? no?”, já bastante sintomática e alusiva aos problemas enfrentados pelos indígenas em território peruano, evidencia a perda de tradição e do caráter desses povos tão primitivos. Em suma, a denúncia realizada por Arguedas complementa em grau e sintonia a pujança migratória desenfreada ocorrida também nas serras peruanas.

Em outra etapa, bastante simbólica e significativa, José Arguedas descreve a imagem de um inseto voador, fazendo alusões ao contexto da migração intensificada e desastrosa para o Porto de Chimbote. Situação um tanto significativa por amalgamar o caráter da denúncia social que, nos moldes poéticos, expressa o diagnóstico dos problemas básicos dessa região: “Y así, asilito como este bicho, los serranos de todos los pueblos de las montañas andina? No es cierto? Siguen bajando a buscar trabajo a Chimbote; también vienen de la selva, atravesando trochas y montes ríos callados de tan caudalosos” (ARGUEDAS, 1996, p. 106).

No trecho transcrito é possível verificar a fala do personagem em tom denunciante frente ao denso contexto migratório em função da busca por melhores condições de trabalho. O aspecto metafórico é aplicado com bastante inteligência por parte de Arguedas e ilustra muito bem algumas questões de prática para com os moradores e a migração interna que ocorre nas cidades peruanas. Ao que tudo indica, um grande número cidadãos peruanos invade de forma massiva o contexto urbano geográfico da nação, deixando família, entes queridos, vizinhos, enfim uma série de pessoas que dilaceram seus laços, para se estabelecerem em outras cidades, possivelmente mais promissoras. Portanto, situação caótica que foi desmascarada na pena do narrador de José Arguedas evocando novas maneiras de enxergar aquela trágica realidade que massacrava cada vez mais os protagonistas desse genuíno romance.

No que se refere a Mário de Andrade, é curioso notar que existia uma preocupação em aclamar o folclore e a cultura peruana. Como sabemos, Mário pisou em solo peruano e lá permaneceu por alguns dias, buscando registrar o máximo do repertório cultural exótico à sua cidade natal de São Paulo. Juntamente com sua comitiva, Mário teceu variados comentários sobre

comunidad al desarrollo de la economía capitalista. La comunidad, en efecto, cuando se ha articulado, por el paso de un ferrocarril, con el sistema comercial y las vías de transportes centrales, ha llegado a transformarse espontáneamente, en una cooperativa” (MARIATEGUI, 1928, p. 70).

a cultura peruana, outorgando uma genuína voz para aquilo que resolvera assimilar. Não obstante, o tempo que Mário ficou na nação peruana foi parcialmente suficiente para ter uma noção de que aquele povo poderia se beneficiar de seu olhar tão solidário e fraterno.

Com efeito, sua instigante curiosidade e seu contumaz esforço para perceber a cultura alheia foi fator primordial para executar com maestria suas tarefas. Nesse sentido, o olhar do escritor paulista comprometido em não distorcer aquilo que viu, chama a devida atenção fatos histórico-sociais: “Os peruanos, descendentes de espanhóis, falam com orgulho patriótico dos Incas, na civilização incaica, na música incaica. Também há brasileiros que querem lançar o estilo marajoara” (ANDRADE, 1976, p. 117).

Através do trecho transcrito é fácil identificar uma curiosidade do escritor paulista em relatar as tradições históricas do povo peruano. Ao que tudo indica, Mário teve o desejo de conhecer as raízes e os costumes mais vivos desses povos. Como observamos, Mário tinha uma profunda paixão pela preservação da memória das nações como fator contributivo para o resgate das tradições populares e artísticas. O efeito comparativo na última frase perfaz uma latente observação de valorização do povo peruano em relação a suas raízes genealógicas para com o povo brasileiro. Ora, para Mário valorizar a nação significava também valorizar os ancestrais que sempre remetiam à formação humana de cada país. Em suma, cabe lembrar que o povo brasileiro deveria ter maior consciência daquilo que ainda somos em relação ao resgate do passado para o conhecimento do presente e da construção do porvir.

Concluindo devemos salientar que para os dois escritores, a coleta etnográfica e antropológica, assim como a pesquisa de campo não significavam apenas a ampliação de algumas áreas do conhecimento, como literatura, folclore ou a própria antropologia. As duas eram o começo e as pistas para uma possível transformação cultural das nações que os dois buscavam representar. Por isso, a coleta e o estudo das ramificações antropológicas poderiam modificar, para melhor, o ambiente artístico e cultural das suas nações. Em suma, os dois escritores cultivaram uma abertura para o diálogo das artes e da cultura de suas nações.

Considerações Finais

O leque desses interesses aqui trabalhados induz a imaginar uma diversidade de competências que desconcerta e intriga qualquer leitor mais desprevenido. Por isso, a diluição das fronteiras nacionalistas e culturais, exposta nesse breve artigo, foi essencial para a pluralidade e o rigor do pensamento desses escritores enquanto intelectuais ativos. Esse leque cultural que o

escritor modernista assimilou foi indispensável para formar boa parte da sua personalidade, assim como provocar outros possíveis estudos e formulações durante seus 51 anos de sua existência.

Arguedas também viveu pouco para compreender as semelhanças entre sua nação e a brasileira. Não sabemos se Mário ou José Arguedas lograram êxito em aplicar esse conteúdo humanístico nas suas obras artísticas, mas o certo é que ambos preencheram boa parte desse mesmo manancial para o futuro das discussões, transitando tanto no ambiente acadêmico, como no artístico. O líder modernista e o antropólogo peruano abriram suas inquietações nessas considerações reflexivas, tecendo novas problemáticas, ressuscitando dizeres, provocando infinitos horizontes para enxergar a realidade brasileira e peruana no contexto latino-americano.

Mário e Arguedas articularam o aporte do conhecimento genuíno de seus respectivos povos, articulando suas tradições e costumes. Obviamente, são comunidades que estão inseridas em cartografias distintas, assim como contextos diferentes, porém ambas carecem de um olhar mais específico e denunciador que os dois escritores estavam desejosos a fazer. O resgate desse caráter substancial postula alguns deslocamentos para o interior dessas nações. Os discursos dos dois escritores chamam a atenção para a possibilidade de uma sociedade mais justa e solidária, que combinasse compreensão daqueles que detém o poder para aqueles que estavam subordinados a esse mesmo sistema de poder. Enquanto Mário entrava na febre de perquirir o interior nordestino através de duas viagens etnográficas, Arguedas penetrava no interior peruano desde adolescente.

Em última análise, escritores de literatura de caráter social sempre serão seres voltados para compreender o sentimento solidário humano de outras gerações, à maneira como acontecem e como irão acontecer na sua época e na sua nação. O dever desses intelectuais escritores, cujo instinto ideológico faz com que não queiram ficar indiferentes ao drama do seu tempo, é o de fazer explodir as contradições, desvelar os paradoxos que nos colocam diante de conflitos sem uma resposta aparente. Nesse sentido, acreditamos que os intelectuais Mário de Andrade e José Maria Arguedas conseguiram imortalizar os seus respectivos nomes e deixar marcas indeléveis na vitrine dos maiores intérpretes brasileiros e peruanos ao atingir a categoria de escritores inquietos com as angústias culturais e sociais dessas nações da América Latina.

Referências

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

- . Paulicéia Desvairada. In: ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Itatiaia, 1998, p. 15.
- . *Inauguração do Curso de Etnografia do Departamento de Cultura* (minuta da palestra). [São Paulo]. 1p.datil., com anotações, [abril de 1936].
- . *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ANTELO, Raul. *Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos*. Hucitec. São Paulo, 1986.
- ALMEIDA, José Américo. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica. Eve-Marie Fell (coordinadora). 2a ed. Madrid: ALLCA XX, 1996.
- . *Os Rios Profundos*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- . *El Sexto*. Lima: Populibros, 1961.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T&A Queiroz, 2000.
- . *Formação da Literatura Brasileira*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CICRED. Committee for International Cooperation in National Research in Demography. *La poblacion del Peru*. Disponível em: <<http://www.cicred.org/Eng/Publications/pdf/c-c41.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2012.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. A Bordo do Diário, in: ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1972.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade. Cronologia da vida e da obra*. In: A imagem de Mário. *Fotobiografias de Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998, p. 7-8.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Lima: Amauta, 1928.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- ORTEGA, Julio. *La cultura peruana. Experiência e consciência*. Tierra Firme, 1978.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAZ, Octavio. *Tiempo Nublado*. Barcelona: Biblioteca del Bolsillo, 1986.
- POZO, Hildebrando Castro. *Nuestra Comunidad Indígena*. Lima: Ed. Rodrigo Montoyoa, 1979 [1924].
- POLAR, Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. UFMG: Belo Horizonte, 2000.
- QUEIROZ, Raquel. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2008.

RAMA, Angel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

SÃO PAULO. Prefeitura da Cidade de São Paulo. *Evolução da População Segundo seus Componentes. Histórico Demográfico*, São Paulo, [s/d]. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 11 ago. 2011.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos de História Intelectual*. São Paulo: Papyrus, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu Extático na Metrópole*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.